



**arte**

contemporânea



Rio, OUT/NOV. 1982  
Revista Bimestral de Arte  
Cr\$ 500,00

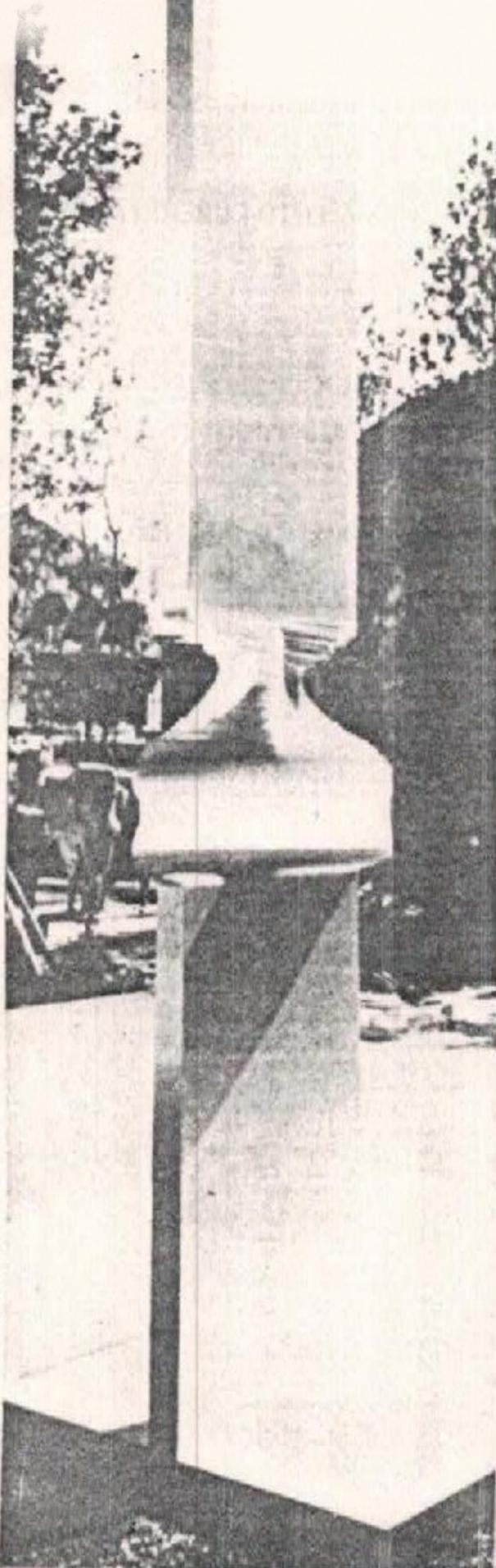
# SUMÁRIO



BODY-ART/JANNIS KOUNELLIS, AÇÃO APOLO, MUSEU GALLIERA, PARIS, 1973, P. 70.

Editorial	P. 3	X	Desenhos do Alto Xingú: O mundo dos Mehianáku e suas expressões visuais	P. 30
Nossa Capa: Clécio Penedo	P. 4			
Gilberto Salvador	P. 6			
Ado Malagoli: A validade da pintura	P. 10		Formação de centros de cerâmica utilitária nas comunidades urbanas do Rio de Janeiro chamadas favelas	P. 34
X Os padrões ornamentais do trançado e a arte decorativa dos Alto-Xinguanos	P. 14		Conversação com Mary Vieira	P. 37
Glauco Pinto de Moraes: A essência da memória	P. 26		Arte Bahiana Hoje	P. 46
Wandekson: A ruptura da banalidade	P. 28		No Mundo da Arte	P. 50
			A Tapeçaria: Hoje e Ontem	P. 53
			Dois Críticos Franceses e a Crítica de Arte	P. 58
			Agenda	P. 62
			O que foi o <i>Body-Art</i>	P. 70

CONVERSACÃO COM MARY VIEIRA, P. 37.



ADO MALAGOLI: A VALIDADE DA PINTURA, P. 10.

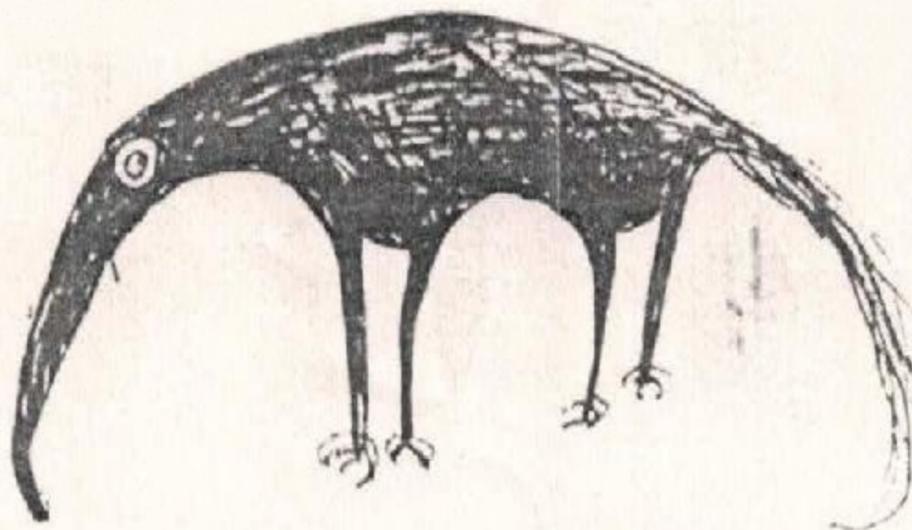


A ARTE DECORATIVA DOS ALTO-XINGUANOS, P. 14.



## DESENHOS DO ALTO XINGU: O MUNDO DOS MEHINÁKU E SUAS EXPRESSÕES VISUAIS\*

Maria Heloisa Fénelon Costa



\* Comunicação para a reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Simpósio sobre Antropologia da Arte.

A técnica de coleta de desenhos espontâneos, entre os índios ou mesmo populações outras (Fénelon Costa, M. H., e Vasconcelos N. 1976), conforme já dissemos em ocasiões anteriores (Fénelon Costa, M. H. e Vel Zoladz R. W., 1972), contribuiu para que o pesquisador extraia de tais documentos inferências que lhe permitam chegar a um melhor entendimento da Visão do Mundo Indígena.

Vimos colecionando desenhos do Alto Xingu desde 1961, entre os Kamayurá, os Awetí (ambos grupos Tupi) e principalmente os Mehináku (Aruák). Outros pesquisadores e auxiliares de campo trouxeram coleções numerosas e de grande interesse para a pesquisa antropológica, contando-se as de Roque de B. Laraia (1962-63, Kamayurá), Manoel Vital Fernandes Pereira (1971, Índios Matipú, Nafukuá e Kalapalo, todos Karíb)

e Maria Helena Dias Monteiro (1971, Yawalapití, tribo de língua Aruák). Seguiu-se a coleção pequena mais significativa, de Tânia Maria Cunha Neiva (1975, Mehináku), que a obteve de um só desenhista; na mesma ocasião coletamos também paralelamente desenhos, junto a outros na mesma aldeia. Hoje, o acervo de desenhos do Alto Xingu que conseguimos reunir, inclui cerca de 1.000 exemplares.

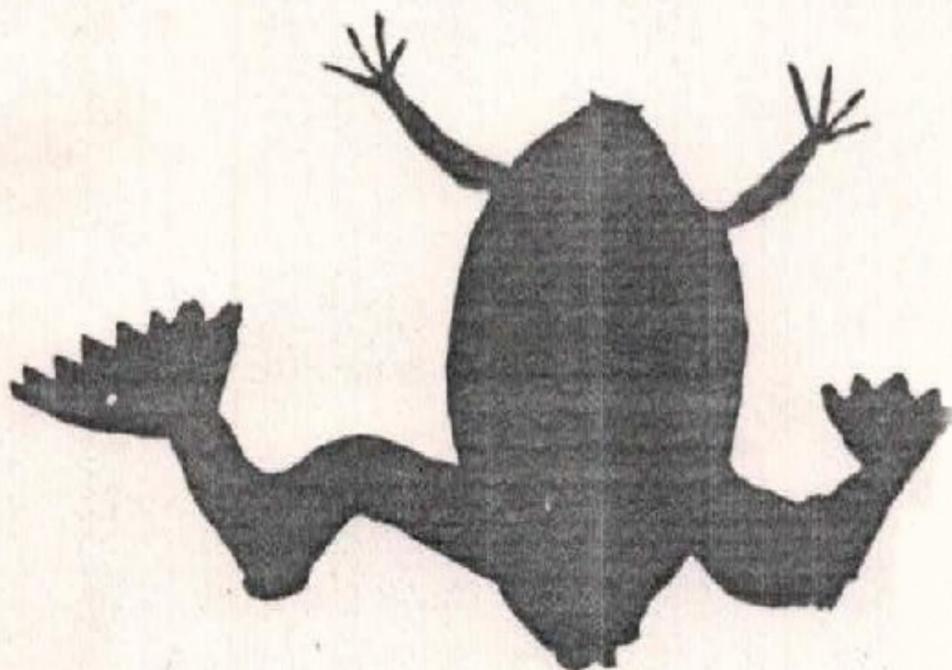
As noções Mehináku sobre os seres e objetos do mundo, incluindo-se as que se referem à vida social, e também aquelas que concernem à natureza, são congruentes com o sentido das formas e a temática destes desenhos (Fénelon Costa, M. H., Cultura, 1976).

E quanto à temática dos desenhos, trataremos de algumas relações entre os humanos e seres que habitam o universo Mehináku, - o

céu, as matas, os rios, - enfim os animais e também os sobrenaturais.

Relações hierárquicas entre elementos da fauna, - aliás imaginadas, sob alguns aspectos, como semelhantes às que prevalecem entre os homens (Durkheim E., e Mauss M. 1969), encontraram expressão através do recurso de atribuir a posição central ou superior (ou/e maior tamanho) à personagem mais importante da narrativa gráfico-pictórica. Uma das pranchas, por exemplo, mostra um ave sobrenatural, bicéfala, rodeada de pássaros comuns; este sobrenatural tem tamanho maior que as outras aves, ocupando ao mesmo tempo a posição superior e a central. Sempre têm maior tamanho homens e machos, se confrontados a mulheres e fêmeas de animais. Esses recursos visuais têm sido recorrentes em tradições históricas diversas, e são observáveis, por exemplo, na pintura românica (Michel, Paul-Henri, 1961). A colocação do bicéfalo é ainda diferente da atribuída às outras aves; também a cor tem constituído um elemento diferencial nos desenhos do Alto Xingu, servindo para separar; na mesma prancha, seres de categoria diferente.

Às vezes ocorrem na mesma prancha duas ou mais linhas de terra, formando espaços simultâneos mas diferentes, onde se acham seres que, pensam os índios, integram outras tantas categorias diversas, as quais não se confundem de modo algum, exteriores umas às outras. Assim,



aves e peixes; homens e sobrenaturais, podem ocupar tais espaços separados.

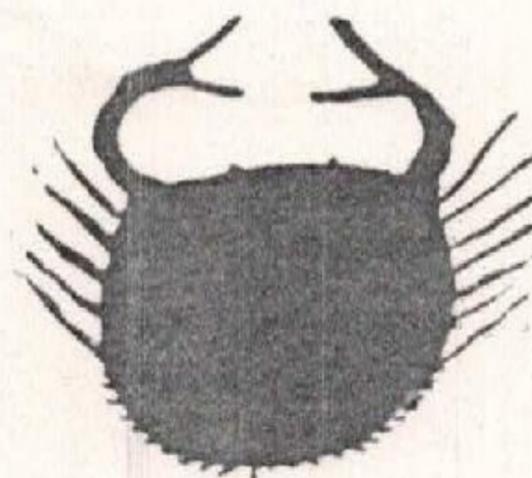
A alteridade entre homens e sobrenaturais antropomorfos é evidenciada através da atribuição de morfologia estranha aos segundos, que apresentam, - segundo os desenhos e também as observações dos informantes, - características tais como: orelhas ou/e órgãos sexuais, pés e outros membros, demasiado grandes; cabelos diferentes do comum aos índios (Enutíkiá, sobrenatural do raio e do trovão, apresenta cabelo pixaim e pele escura; esta, em virtude de relacionar-se Enutíkiá às nuvens sombrias que se resolvem em chuvas; o cabelo muito crespo talvez mostre que o fogo celeste o crestou, e por outro lado, sugere o movimento dinâmico do raio). Corpos demasiado longos ou apresentando quaisquer outras características incomuns, também podem indicar que as figuras constituem representações de sobrenaturais, ou caricaturas de índios de tribos estranhas (às vezes desaparecidas há longo tempo), do Caraíba ("civilizado"), e ainda de indivíduos divergentes, todos estes menos humanos se comparados à tribo que os retrata.

Uma das pranchas colhidas na aldeia Mehináku (1971) mostra Enutíkiá ao lado de sua comida, o veado; ora, não é usual que comam mamife-

ros os índios do Alto Xingu, entre outros motivos, em virtude do grande número de situações biológicas e sociais que proibem o consumo de tal carne, em ocasiões inúmeras da vida do indivíduo. (Carvalho, J. C. M., 1951). (Constitui exceção o macaco-prego). Portanto, a referência enfática à "comida de Enutíkiá", ao veado, expressa o caráter não humano deste sobrenatural meteorológico. Em diversas pranchas, é representado com a sua borduna, o raio; e é acompanhado numa delas de seu parente Yébe (Nuvem).

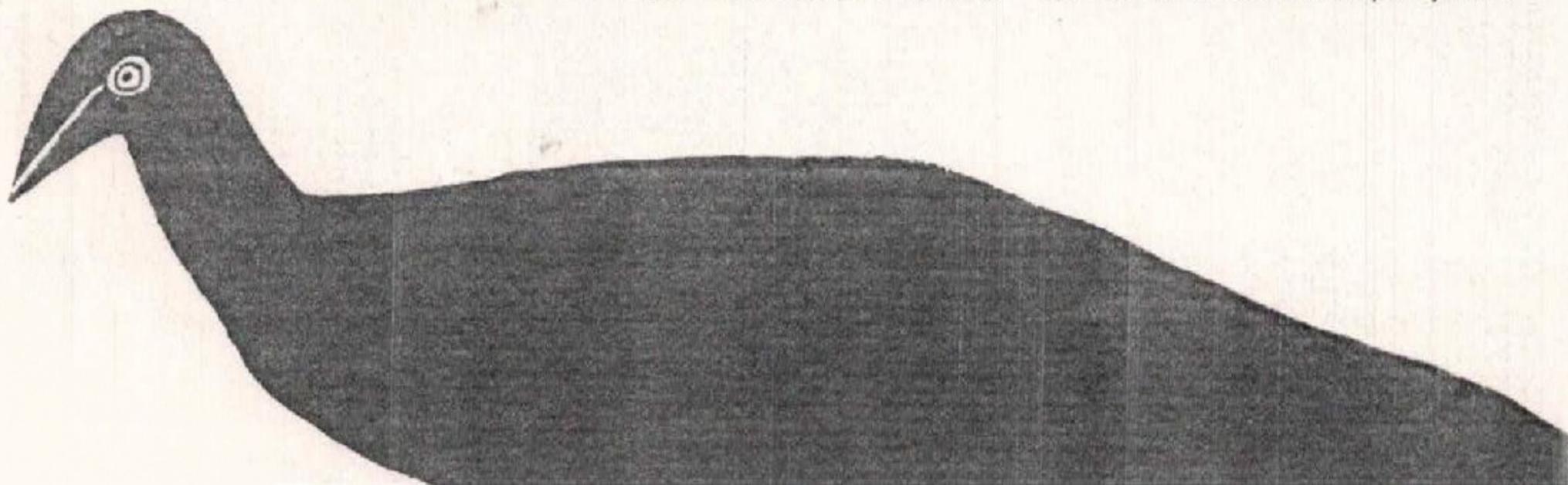
Animais e sobrenaturais são associados, na mentalidade indígena, segundo critérios vários, como o lugar de habitação, os hábitos e o temperamento: teríamos assim incluídos numa só classe os sobrenaturais antropomorfos e meteorológicos que habitam no céu; por exemplo, um critério de agrupamento que se evidencia claramente nos desenhos, é o morfológico: uma prancha mostra três onças superpostas, - a pintada, a preta e a sussuarana, que apresentam detalhes identificadores, por um lado, de sua semelhança com felinos, - os quais as distinguem de outros mamíferos; e por outro, de suas dissimilaridades (em matéria de cor e manchas de pele) que podem separá-las como espécies e subespécies.

São representadas com realismo



e relativa frequência, aves "terrestres" (de voo baixo) cujas penas servem para confecções de adornos masculinos: tucano, arara. Entretanto, outras aves (entre as quais se incluem as de voo alto) nem sempre são representadas de modo a serem fáceis de capturar, permitem observação acurada e próxima, o que explica cuidado e minúcia nos desenhos que as descrevem. As de rapina, particularmente urubus, relacionam-se com a morte, tanto em se tratando das representações visuais, como ao considerarmos o corpus mitológico e o saber tradicional.

Há duas pranchas cujos assuntos são os cadáveres de um feiticeiro executado, quando os urubus os atacam. E por ocasião dos eclipses, os espíritos dos mortos devem lutar contra pássaros sobrenaturais, e os espíritos que caem são devorados pela já refe-





rida ave bicéfala, então acabando completamente, sobrevivendo-lhes a morte, desta vez definitiva.

As serpentes relacionam-se à sexualidade (no mito de Arakuní, o incestuoso, ocorre a transformação deste em cobra grande) e sua descrição gráfica é quase idêntica à do padrão ornamental de cobra, próprio da pintura corporal masculina. E desenhos de cobras ornamentam também os postes centrais de sustentação da casa, a qual tem conotações antropomórficas masculinas, possuindo na cobertura, enfeites (raízes) chamados de brincos. (Estes, adornos típicos dos homens).

Enfim, os homens e mulheres são reconhecíveis através de sua "normalidades", isto é, justamente a ausência das características anatômicas excessivas que mostram os sobrenaturais antropomórficos, e que podem

também lembrar a animãidade, tais as grandes orelhas de um ser da mata chamado pelos Mehináku, Njámelũ ("muito feio"). Homens e mulheres têm os órgãos sexuais enfatizados, embora não alcancem o tamanho às vezes excessivo daqueles ostentados pelos sobrenaturais antropomórficos. A pintura de corpo e os adornos, - incluindo-se os brincos de pena de tucano, que são uma insígnia masculina por excelência, - aparecem nos desenhos espontâneos compondo as características humanas e culturais da Gente ("Neunê") em oposição aos outros seres (vegetais, mamíferos, peixes, enfim os animais e também os sobrenaturais, estes raramente apresentando-se com adornos pintura semelhantes aos homens), surgindo então como exemplos da imagem cultural (e humana) preconizada, modelar.